



Bolívia
Opositora
de Morales
declara-se
presidente
interina

Mundo, 29



Crise climática
Austrália enfrenta os piores
fogos de sempre e Veneza as
maiores cheias em 50 anos

Mundo, 30/31

Segurança rodoviária
Risco de usar alta-voz
a conduzir é “quase igual”
ao de atender telemóvel

Sociedade, 20

CP junta academia e indústria para fabricar comboio português

Empresa criou em Matosinhos plataforma que junta Faculdade de Engenharia do Porto, o Técnico e empresas como a Mota-Engil, a Efacec ou a Siemens para criar o primeiro comboio português **Economia, 24/25**

Orçamento vai dar incentivos para empresas subirem salários

António Costa recusa-se a falar em “contrapartidas”. Mas admite “incentivos” para melhorar produtividade **p12/13**

Octapharma investigada por suspeitas de fraude fiscal

Inquérito aberto este ano pelo DCIAP faz regressar a multinacional ao centro das atenções do MP **p16**

Ex-embaixador confirma que Trump quis entalar Biden

William Taylor compromete o Presidente dos EUA nas primeiras audições para a impugnação de Trump **p28**

Seca Cenários do deserto à vista no Nordeste do Algarve **p2 a 4**



HELENA RODRIGUES

“Era capaz de derrotar António Costa. Sem dúvida”

Luís Montenegro, um optimista que se candidata à liderança do PSD, em entrevista ao PÚBLICO/RR **p10/11**



Atelier do Porto leva a Veneza obras que dão lugar a conflitos

Depa inventariou projectos de habitação que nos últimos 45 anos causaram polémica e conflito **p34**

PUBLICIDADE

2 ANIVERSÁRIO **15.16.17 NOV'19**
CASA DA ARQUITECTURA MATOSINHOS, ENTRADA LIVRE
CASADAARQUITECTURA.PT

DESTAQUE

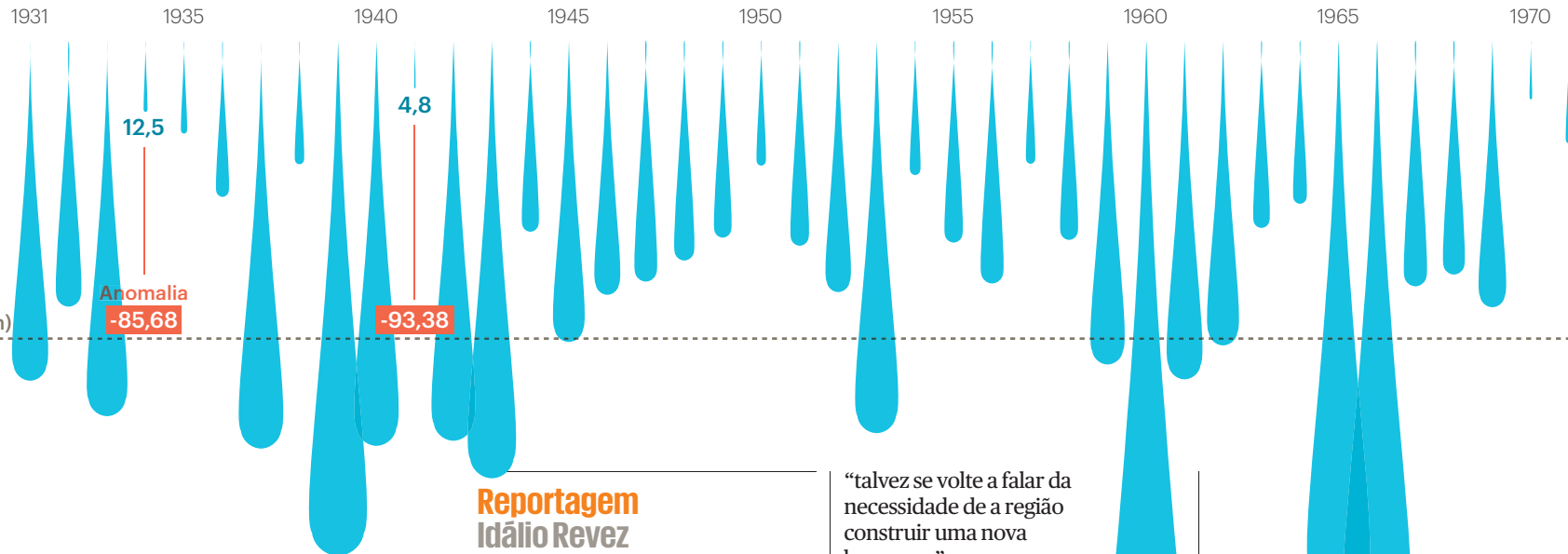
Quanto chove nos meses de Outubro

Em mm

Anomalia é a diferença entre a precipitação registada e a precipitação normal

Fonte: IPMA

Média 1971-2000 (98,18 mm)



O deserto entrou pelo Nordeste algarvio adentro

A Direcção Regional de Agricultura disparou o primeiro sinal de alerta vermelho: “As disponibilidades de água poderão vir a ser condicionadas pela Agência Portuguesa do Ambiente.” Os campos de golfe disputam a água com citrinos e abacates

Reportagem Idálio Revez

Os dias sucedem-se, monótonos, e sem pingo de chuva no Nordeste algarvio. “Fala-se da desertificação, pois ela já cá mora”, diz Nuno Luís, criador de cabras. E o pior, observa, é que a seca parece ter vindo para ficar. Ontem, quando o pastor se levantou às 5h00 da madrugada, para fazer a ordenha, verificou que as nuvens estavam a “peneirar”, indiciando que a meteorologia tinha mudado. Puro engano. A chuva miudinha mal chegou para molhar as taliscas do terreno xistoso. O Nordeste algarvio encontra-se em situação de “seca extrema”, mas nas cidades os consumos ainda não sofreram restrições.

Os noticiários radiofónicos de manhã falam, habitualmente, de “bom tempo para o Algarve”, em contraponto com a precipitação noutras zonas do país. “Bom tempo seria termos chuva com fartura”, contrapõe o pastor, com saudades dos anos em que se cumpria o ciclo das quatro estações. O que está a suceder é que o Verão colou-se ao Outono e o Inverno só dá sinais de trazer frio e geada.

As pastagens para o gado desapareceram, a aridez tomou conta das zonas da serra e do barrocal, que representam mais de dois terços do Algarve. No monte Zorrinho, concelho de Alcoutim, as ovelhas só comem algumas migalhas de pasto e as cabras roem as bolotas das azinheiras (cada vez mais raras).

Os sobreiros, lamenta-se o presidente da Associação Produtores Florestais da serra do Caldeirão, Gilberto Pereira, “vão morrendo, naturalmente, aos poucos”. O dirigente associativo manifesta-se “cansado” de ver o montado de sobreiro a dizimar-se, perante a passividade dos poderes públicos. Quando faltar a água nas torneiras, diz, ou forem impostas medidas restritivas aos consumos,

“talvez se volte a falar da necessidade de a região construir uma nova barragem”.

Da associação ambientalista Almargem, Luís Brás tem uma visão diferente. Quando em 2009 se fecharam as comportas da barragem de Odelouca, recorda, “proclamava-se que iria resolver os problemas de abastecimento de água ao barlavento, mas não foi isso que aconteceu”. A empresa Águas do Algarve já teve de socorrer-se dos furos artesianos (integrados no aquífero Querença/Silves), para complementar o abastecimento público.

Recurso a autotanques

A Direcção Regional de Agricultura e Pescas (DRAP) disparou, na semana passada, o primeiro sinal de alerta vermelho. “As disponibilidades de água poderão vir a ser condicionadas pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), no âmbito das medidas que possam vir a ser adoptadas a nível regional face à situação de seca em que se encontra a região do Algarve”, lê-se nos pareceres que foram emitidos para o licenciamento de novos projectos de instalação de culturas agrícolas de regadio.

O stress hídrico faz-se sentir por toda a região, com particular incidência na serra do caldeirão e zona do barrocal. “Sem água não há vida”, lembra o pastor. A humidade no solo baixou para níveis incompatíveis com a sobrevivência de algumas espécies e habitats. “Os matos secaram”, observa Nuno Luís, sugerindo um olhar atento para a cabeça do cerro – desapareceu a vegetação, a colina ficou careca. No monte Zorrinho, as sementes de cevada e aveia foram lançadas à terra, a aguardar que a bênção divina traga a chuva desejada. “Tenho nove charcas na propriedade, mas só duas têm

água”, enfatiza.

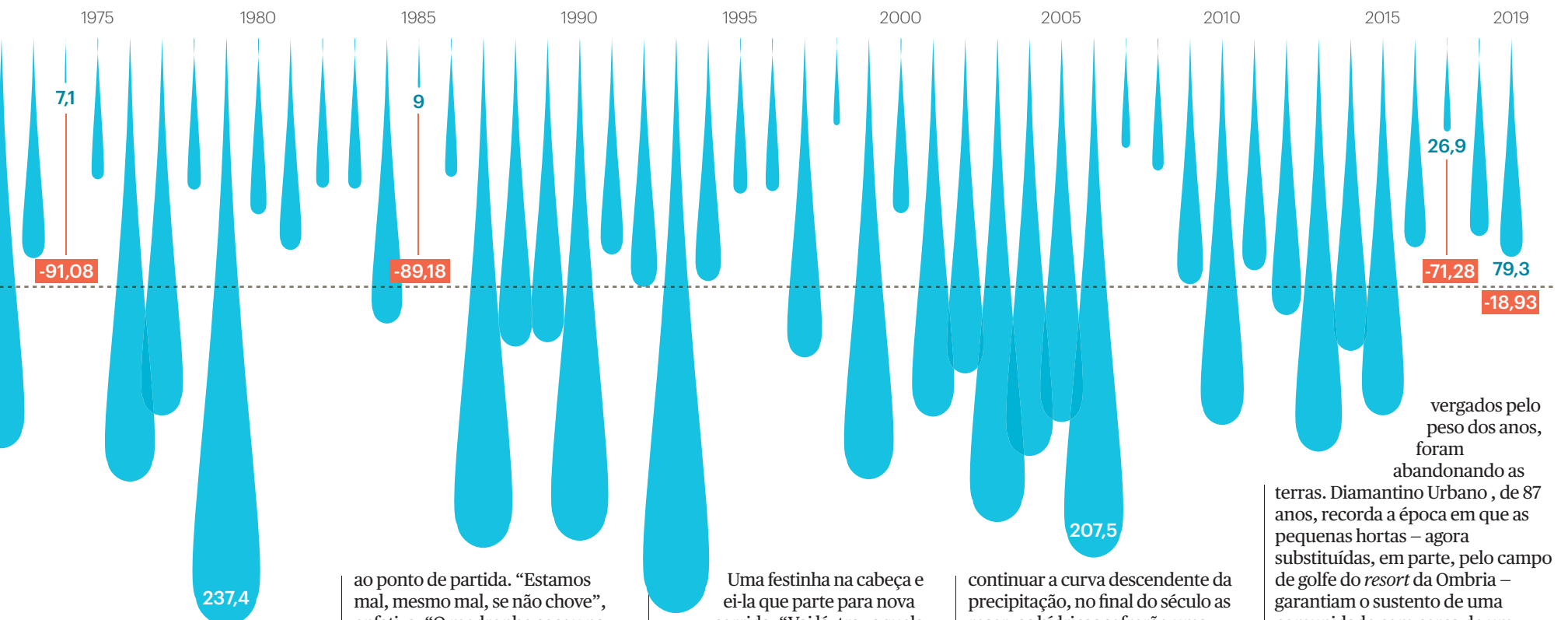
No concelho vizinho de Castro Marim, onde se localiza a barragem de Odeleite, repete-se o drama. As fontes e os poços secaram e é o município que garante o abastecimento aos sítios mais isolados, com recurso aos autotanques. A situação de emergência, conforme o PÚBLICO noticiou a meio de Setembro, arrasta-se desde o Verão. Ontem, no Parlamento, o PAN voltou a chamar a atenção para este facto.

Os produtores de gado já estão a comprar palha e feno, em Espanha, vindos de Cádiz e Málaga.

Cumprida a tarefa da ordenha, as cabras saem para o campo, no



Em Castro Marim, onde se localiza a barragem de Odeleite, repete-se o drama.



monte Zorrinho. O rebanho, de 320 cabeças, lança-se à procura de alimento. “Pouco têm para roer.” As bolotas escasseiam, e, pela forma como são devoradas, parecem saber a reбуçados. Ao fim de pouco mais de uma hora, os animais estão de volta ao curral, para reforçarem a refeição: “Tenho de lhes dar rações.”

Nuno Luís, de 42 anos, mostra-se orgulhoso da profissão. “O meu pai e meu avô foram pastores – posso dizer que nasceram-me os dentes dentro do rebanho.” A conversa desenrola-se em círculos, e regressa

ao ponto de partida. “Estamos mal, mesmo mal, se não chove”, enfatiza. “O medronho secou na árvore [arbusto].” Para agravar ainda mais a situação, sublinha, “na semana passada, já caiu geada”.

Fernando Pereira é outro dos resistentes da serra. Vive no Pessegueiro, e é neste monte, próximo do Zorrinho, que guarda um rebanho de 60 ovelhas. Ao cair da tarde, os animais fazem fila, como se estivessem em “hora de ponta”. A cadela, coxa da pata direita, auxilia o pastor na manobra. “A canita pisou um cardo, aleijou-se”, lamenta. Nada de grave, ao que parece. “Boneca” – chama. O animal vem em direcção ao dono.

Uma festinha na cabeça e ei-la que parte para nova corrida: “Vai lá, traz aquela [ovelha].” Da chaminé da padaria sai um fumo espesso. “Temos aqui bom pão, que é vendido lá em baixo, no Algarve.” Então, não estamos no Algarve? “Estamos, mas a gente chama Algarve à zona das praias – aqui é a serra.”

À medida que nos vamos aproximando da fronteira com o Alentejo, sente-se que, na mesma região, parecem existir dois mundos – um para os turistas, o outro para quem sobrevive da terra. O Perímetro de Rega do Sotavento algarvio, sustentado pelo sistema de barragens Odeleite/Beliche, foi concebido para alimentar 8500 hectares, mas o cultivo, actualmente, inclui a rega da relva de quatro campos de golfe.

Quando se coloca a questão da necessidade de cortes ao abastecimento de água ao regadio, o director regional de Agricultura e Pescas, Pedro Monteiro, afirma: “A agricultura tem tanta legitimidade como qualquer outra actividade económica.”

Não se refere directamente à rega dos 39 campos de golfe que existem na região, mas deixa no ar ideia de que, a existirem restrições, têm de tocar a todos. Em 2005, no ano da última grande seca na região, a APA quis impor cortes no regadio aos laranjais de Silves. Os agricultores, na altura, revoltaram-se, alegando que, primeiro, teriam de desaparecer os jardins. O Ministério do Ambiente recuou e a chuva que acabou por chegar fez esquecer que a região está na linha da frente no avanço do deserto.

De acordo com Plano Intermunicipal de Adaptação às Alterações Climáticas (PIAAC), a

continuar a curva descendente da precipitação, no final do século as reservas hídricas sofrerão uma redução na ordem dos 83%. Segundo a DRAP, os pomares de citrinos ocupam na região uma área de 16 mil hectares, o que representa uma produção anual média de 360 mil toneladas. A fatia destinada aos abacates anda pelos 1500ha, mas as culturas tropicais estão em franca expansão nas terras do Sul.

Fontes secas

A fonte da Benémola (concelho de Loulé), onde nasce o principal aquífero da região (Querença-Silves), secou. Ao longo da ribeira que se segue encontram-se alguns troços, ainda com pegos, mas os peixes morreram e os cágados desapareceram. O canal invadiu o espaço de outras espécies e o ecossistema empobreceu. A cerca de três quilómetros de distância do início deste rio subterrâneo, o resort Quinta da Ombria, situado junto à ribeira, bombeia água dos furos para regar o campo de golfe. No centro da aldeia da Tôr, ali mesmo ao lado, os antigos agricultores conversam sobre o estado do tempo. Ao local de convívio, improvisado, junto a uma esquina da rua, chamam-lhe “Praça da Alegria”. Chove ou não chove? A pergunta tornou-se clássica, mais não seja para introduzir qualquer outro tema na conversa. Ninguém arrisca previsões.

“A minha nora (poço), com seis metros de profundidade, sempre teve água, agora já não dá para regar”, atira Sérgio Silva. Aproxima-se Silvestre Grade, que imediatamente é identificado como sendo “um dos três ou quatro agricultores da aldeia”. Os outros,

vergados pelo peso dos anos, foram abandonando as terras. Diamantino Urbano, de 87 anos, recorda a época em que as pequenas hortas – agora substituídas, em parte, pelo campo de golfe do resort da Ombria – garantiam o sustento de uma comunidade com cerca de um milhar de pessoas. “Partiram-se os açudes, nunca mais foram reparados”, lamenta. Mas há outros sinais que inspiram preocupação. Por baixo da ponte romana da ribeira da Tôr não se vê pinga de água – só pedras e calhaus. Mário Casimiro remata: “As pessoas não semeiam, porque sai mais caro produzir do que comprar no supermercado – as batatas é que ainda, mais ou menos, vale a pena.” Os convivas contrapõem: “Ah, mas o sabor e a qualidade não são comparáveis.” O grupo, em conversas cruzadas, fica a saborear recordações de outros tempos. Silvestre Grade lembra a outra face das alterações climáticas, e da mudança de paradigma na produção de bens alimentares: “Temos uma praga asiática a atacar os tomateiros, e cada vez há mais doenças.”

Pela ribeira abaixo, a cerca de seis quilómetros de distância, encontra-se Paderne. “A fonte não secava há mais de 20 anos”, comenta António Neto, que é também presidente da assembleia de freguesia. “Nasci a 200 metros da ribeira de Algibre, tenho 65 anos, e não me recordo de haver um Inverno, como o ano passado, em que não vi a água correr na ribeira.” A situação repete-se, e não há medidas de emergência anunciadas. Dessalinização e reutilização dos efluentes tratados são propostas que, para já, não passaram de ideias soltas. “Falta um plano de gestão integrada”, conclui o director regional de Agricultura, lembrando: “O Algarve não é só turismo.”



HELENA RODRIGUES

Barragem de Odeleite, o drama repete-se e os efeitos da seca são visíveis

DESTAQUE

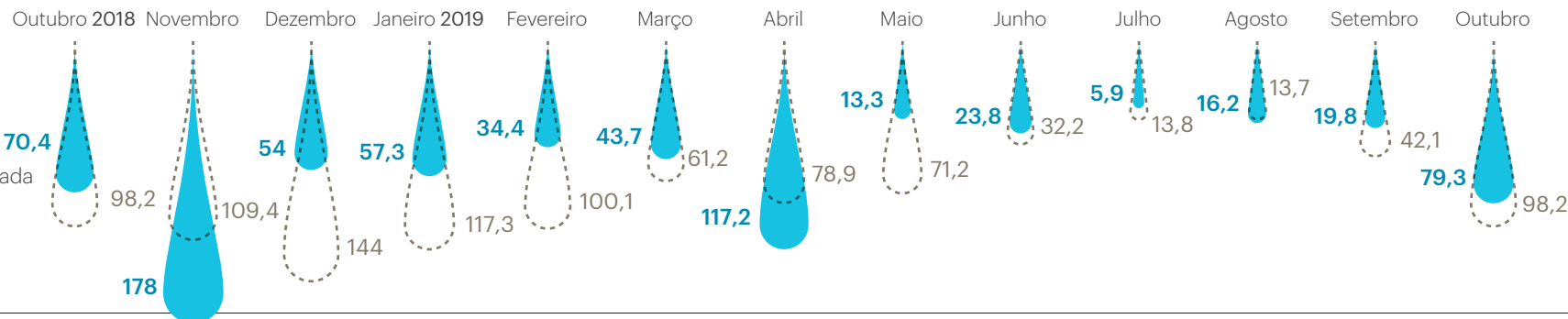
Um ano com pouca chuva

Outubro 2018 a Outubro 2019

Em mm

● Precipitação registada
○ Média 1971-2000

Fonte: IPMA



Foi um ano inteiro com chuva abaixo do normal e o Sul está a sofrer mais com isso

Patrícia Carvalho

A precipitação média tem diminuído ao ritmo de 30 milímetros por década. Em 50 anos foi uma redução de 150mm, diz especialista

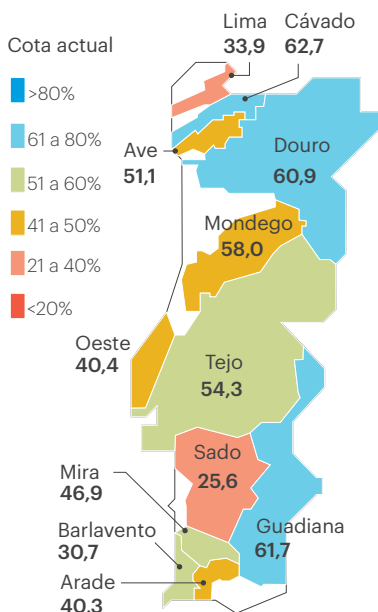
Se vive no Minho já pode estar cansado dos dias cinzentos e da chuva, mais ou menos forte que tem caído quase todos os dias. Mas se está em Alcoutim ou Mértola, é bem provável que sinta saudades de alguma precipitação, já que nesta região do país não chove há meses e o mapa que o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) disponibiliza mensalmente, com dados sobre a seca, não deixa qualquer dúvida: em Outubro, 4,3% do território estava em seca extrema, precisamente este canto do Sudeste do país. Quando é que isto muda? Até pode ser já na próxima semana, mas este período de transição entre estações “é muito ingrato” para previsões.

As palavras são de Vanda Pires, da Divisão de Clima e Alterações Climáticas do IPMA. “Neste momento temos um sinal a dizer que na próxima semana vamos ter precipitação acima do normal em todo o território, só que estamos numa altura de transição de estações, em que há uma grande variabilidade e é muito ingrato [fazer previsões].”

Os dados do IPMA até apontam para um desagregamento da situação em Outubro – cerca de 13% do território não estava em seca, enquanto no mês anterior essa era a realidade para todo o país –, mas no Sul a seca já dura “há alguns meses”, com uma agravante: “Já vínhamos com défice, porque o ano hidrológico que terminou em Setembro já tivera valores de precipitação abaixo do normal, para o país em geral, mas sobretudo nas regiões a sul do Tejo”, explica.

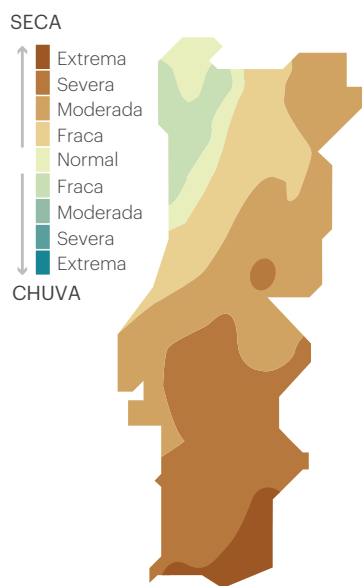
Se dividirmos o país em norte, centro e sul, o que se passa abaixo do Tejo

Água armazenada nas albufeiras
Outubro de 2019



Fontes: snirh.apambiente.pt, IPMA

Índice de Seca PDSI
Outubro de 2019



Este Outono com pouca chuva “não é assim tão normal, mas na região sul vai sendo cada vez mais”

torna-se ainda mais visível. Se, no Norte, no final de Outubro, se verificava um “desagregamento significativo da seca”, com esta região a apresentar o único pedaço do território sem seca e o restante a apresentar situações de seca fraca (24%) ou moderada (33%), no Sul, o que nos diz o IPMA é que não houve melhoria com a chegada do Outono, pelo que se mantém “a situação de seca” que se vivia. Ali, 25% do território estava em seca moderada, 66% em seca severa e 9% em seca extrema. No cen-

tro houve um “ligeiro desagregamento”, com 40% da região a encontrar-se em seca fraca, 46% em seca moderada e 1% em seca severa.

O físico e especialista em alterações climáticas Filipe Duarte Santos não tem dúvidas de que, no que à seca diz respeito, iremos assistir a um acentuar na diferença entre o Norte e o Sul, em toda a Península Ibérica. “Há uma diferença muito grande da precipitação anual no Norte e no Sul da Península Ibérica, mas o que se passa é que há uma redução geral da precipitação, que em termos de percentagem é maior e se faz sentir mais no Sul.” E dá um exemplo: “Se fizermos a média da precipitação anual em cada década, vemos que nos últimos 50 anos ela tem diminuído ao ritmo de 30 milímetros por década. Em cinco décadas foi uma redução de 150mm. Se em Mértola chovia por ano 600mm, agora chove 450mm, e isto é um valor muito significativo.”

Vanda Pires diz que este Outono com pouca chuva “não é assim tão

normal, mas na região sul vai sendo cada vez mais”, ressaltando, contudo, que a situação actual não é das piores dos últimos anos. “Tivemos em 2017 uma situação muito mais grave do que a que estamos a viver. Foi a primeira vez que tivemos uma situação de seca que se manteve no Outono e no Inverno. Tinha começado em Abril, agravou-se em Outubro e só em Março do ano seguinte é que acabou. Foi bastante atípica.”

Se nos próximos tempos chovesse o que choveu em Março e Abril de 2018, isso era do que o país precisava para acabar com a seca. Só que a probabilidade de isso acontecer é baixa, avisa a especialista do IPMA: “O que fazemos são cenários, e tendo em conta os valores da precipitação na série de 80 anos que analisámos, temos 20% de anos com precipitação muito abaixo do normal e cerca de 20% com valores muito acima do que é normal.” Se este poder ser um desses anos não se sabe. “Mas é pouco provável”, aponta.

Em termos globais, segundo o IPMA, até choveu mais neste mês de Outubro (79,3 milímetros) do que no mesmo mês do ano passado (70,4mm), mas ambos estão abaixo do valor considerado “normal” (98,2mm), que é estabelecido pela comparação com o período entre 1971-2000. No ano hidrológico que terminou, só em três meses se registou precipitação acima do normal, em Novembro de 2018, e em Abril e Agosto deste ano. Nos restantes meses choveu sempre abaixo do que seria esperado e em alguns casos o desvio é mesmo acentuado, como aconteceu nos meses de Inverno: Dezembro de 2018, por exemplo, registou 54mm, quando o normal seria 144mm.

À espera da chuva

A situação de seca acaba por se reflectir na água armazenada nas barragens, com Outubro a despedir-se com 30 das 59 albufeiras monitorizadas pelo Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH) a apresentarem uma disponibilidade abaixo

dos 40% da sua capacidade total. Olhando para a média deste mês, considerando o período entre 1990 e este ano, apenas as bacias do Cávado/Ribeiras Costeiras, do Douro e Arade apresentavam armazenamentos acima da média.

De todas albufeiras monitorizadas, as que apresentam valores mais preocupantes encontram-se na bacia hidrográfica do Sado. E, aqui, a albufeira de Campilhas é a que se encontra numa situação mais dramática, com uma disponibilidade de apenas 6,6% – um valor que consegue ser ainda pior do que o registado em Outubro do ano passado, quando a mesma barragem tinha 7,7% da água total para a sua capacidade. Monte da Rocha, com uma disponibilidade de 8,5% e Pego do Altar, com 10,9% são os outros casos mais graves.

Ilídio Matos, director executivo da Associação de Regantes e Beneficiários de Campilhas e Alto Sado, diz que tudo dependerá da chuva que o resto do Outono e o Inverno trarão. “A única preocupação de momento é o abastecimento público estar garantido. Para a agricultura temos de aguardar que venha a precipitação. Está a começar mal, mas se chegarmos a Março sem chuva é que estaremos preocupados.” Neste momento, o risco faz-se sentir nas pastagens, já que “a chuva tem sido tão pouca que nem para isso tem chegado”. E é preciso também dar de beber aos animais. “Estivemos o Verão todo a ajudar os agricultores no transporte de água, temos reservatórios só para isso. E continuamos a fazê-lo.”

Para estes agricultores, o alívio poderá chegar com a ligação das barragens de Monte da Rocha e Fonte Serne ao Alqueva – projectos em curso. Porque depender da chuva é imprevisível. “A redução de precipitação dos últimos 50 anos é mais acentuada do que aquilo que os cenários climáticos indicavam”, diz Filipe Duarte Santos, antes de concluir: “O cenário não é animador.”

patricia.carvalho@publico.pt